

Por que a inflação segue baixa se o que compro está “tudo” mais caro?

Produção industrial no RS mantém trajetória de recuperação em julho

Com nova queda, comércio exterior do RS continua enfraquecido

FEDERAÇÃO DAS INDÚSTRIAS DO ESTADO DO RIO GRANDE DO SUL

Av. Assis Brasil, 8787 Fone: (051) 3347.8731

UNIDADE DE ESTUDOS ECONÔMICOS

www.fiergs.org.br/economia

As opiniões emitidas nesta publicação são de exclusiva e inteira responsabilidade dos autores, não exprimindo, necessariamente, o ponto de vista desta Federação. É permitida a reprodução deste texto e dos dados contidos, desde que citada a fonte. Reproduções para fins comerciais são proibidas.

Por que a inflação segue baixa se o que compro está “tudo” mais caro?

Mudança nos hábitos de consumo tem causado uma sensação de descolamento entre o índices oficiais e a inflação percebida pela população

Após um longo período afastada dos noticiários, desconsiderando a elevação isolada do preço da carne no final do ano passado, a inflação voltou ao debate com força nas últimas semanas. Uma questão muito levantada é: por que a inflação oficial segue tão baixa se a população observa os preços aumentando nos supermercados?

O tema ganhou ainda mais evidência com a divulgação do IPCA na última quarta-feira, por parte do IBGE. O índice de inflação oficial do país subiu 0,24% em agosto, acumulando alta de 0,70% no ano e de 2,44% nos últimos 12 meses. Mesmo com as taxas bastante baixas, a impressão de boa parte das pessoas é que “tudo” está ficando mais caro.

Para entender esse sentimento, primeiramente é preciso considerar que a inflação medida pelo IPCA é uma média de preços e, em geral, as pessoas são mais sensíveis aos produtos que estão subindo e não aos que estão caindo. Para o cálculo do IPCA são considerados os preços de nove grupos, conforme o gráfico ao lado. Os mais importantes são Alimentação e bebidas (20,05%) e Habitação (15,64%). O peso de cada grupo representa o quanto os bens e serviços do grupo pesam no orçamento de uma família média de acordo com o público alvo do índice, que são famílias com renda de um a quarenta salários mínimos que vivem nas regiões metropolitanas selecionadas. Os cálculos dos pesos são elaborados com base na Pesquisa de Orçamentos Familiares (POF), do IBGE. No início de 2020, os dados da POF de 2008-2009 foram substituídos pelos mais recentes da POF de 2017-2018.

No acumulado de janeiro a agosto de 2020, os preços do grupo Alimentação subiram 4,91%, puxados principalmente pela elevação da Alimentação no domicílio (6,10%) que, por sua vez, teve forte influência de produtos como o arroz (19,25%), feijão preto (28,92%) e óleo de soja (18,63%). Por outro lado, no mesmo período, os preços do grupo de Transportes caíram 3,46%, com destaque para as quedas no Transporte público (-12,57%), Transporte por aplicativo (-23,89%) e Passagem aérea (-57,86%). Ou seja, ficou mais caro se alimentar e mais barato sair de casa.

Em função da pandemia, houve uma mudança considerável no padrão de consumo, de modo que a população brasileira está consumindo mais alimentos, grupo de apresenta de fato uma alta nos preços, e menos transporte, grupo onde os preços estão caindo. Quanto ao primeiro movimento, cabe mencionar o efeito positivo no consumo por conta do Auxílio Emergencial (R\$ 600) que permitiu a muitas famílias de baixa renda passar com menos dificuldades esse momento e fez crescer a demanda por alimentos no

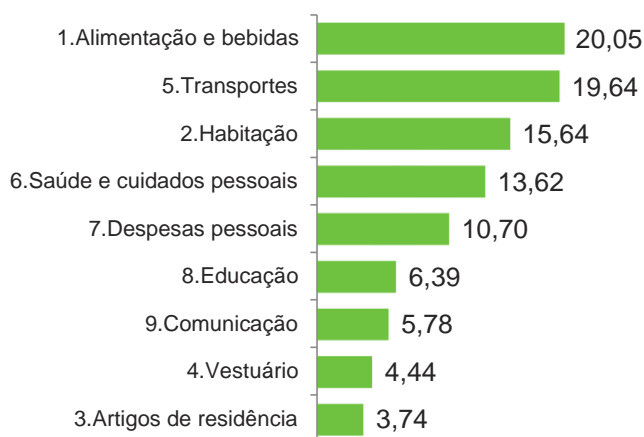
país.

Portanto, um dos motivos para essa sensação de que “tudo” está mais caro é uma mudança recente nos hábitos da população, ou seja, a cesta de consumo típica do brasileiro mudou durante a pandemia. E esse não é um fenômeno exclusivo do Brasil, conforme mostra o artigo de Alberto Cavallo, da Harvard Business School ([link aqui](#)). Em outras palavras, caso fosse realizada uma POF exclusiva para o período de pandemia – o que seria inviável pelo seu alto custo –, os pesos para a composição do IPCA mudariam (alimentos ganhariam importância e transportes perderiam, por exemplo), de modo que a inflação pelo IPCA com essa nova estrutura seria mais alta.

Em suma, os preços dos diversos bens e serviços que compõem o IPCA tiveram comportamento distinto ao longo do ano, o que não é incomum. O que parece ter causado a impressão de descolamento entre o índice oficial e a inflação do dia a dia das pessoas foi a mudança de hábitos de consumo que não estão sendo devidamente consideradas nos pesos do IPCA.

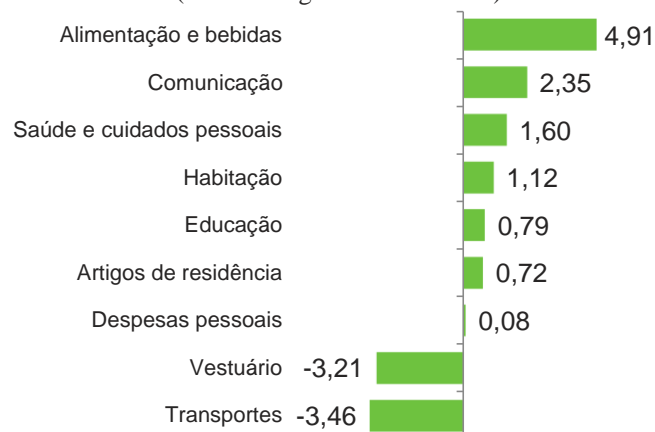
Peso relativo de cada grupo no IPCA

(Agosto de 2020 - %)



Varição acumulada no ano por grupos do IPCA

(Janeiro a agosto de 2020 - %)



Fonte: IBGE.

Produção industrial no RS mantém trajetória de recuperação em julho

A Pesquisa Industrial Mensal (PIM) Regional, divulgada mensalmente pelo IBGE, apontou um crescimento de 7,0% do setor no RS em julho em relação ao mês anterior, na série ajustada sazonalmente. Essa foi a terceira alta seguida, período em que acumulou crescimento de 41,3%. Contudo, este avanço ainda não foi suficiente para repor as perdas de março e abril, período de impacto mais intenso da pandemia sobre o setor. Para retornar ao nível pré-pandemia, a produção industrial gaúcha ainda precisa avançar 12,6%. Em nível nacional, a produção industrial em julho também cresceu pelo terceiro mês seguido (+8,0%) e ainda faltam mais 6,4% para voltar ao nível de fevereiro.

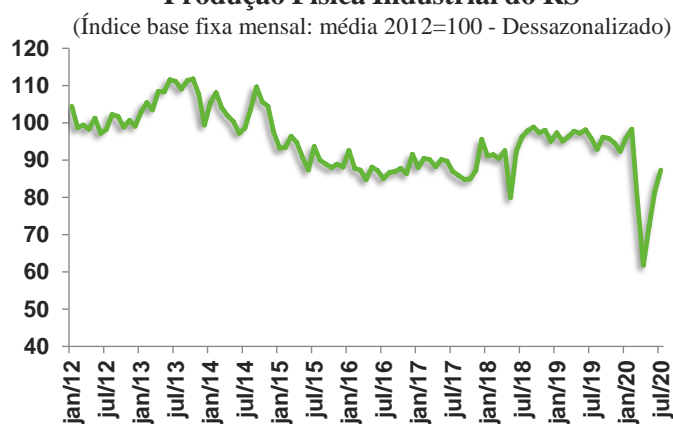
No acumulado do ano até julho, a produção industrial no RS recuou 14,5% quando comparada ao mesmo período de 2019, configurando queda mais intensa que a observada no país (-9,6%) nessa base de comparação. Setorialmente, a produção industrial gaúcha recuou em 11 dos 14 setores pesquisados no RS. Os maiores impactos negativos vieram, sobretudo, de Veículos automotores (-37,7%) e de Couro e calçados (-31,7%), segmentos fortemente afetados pelas medidas de contenção da Covid-19, como o isolamento social e restrições à atividades produtivas não essenciais. Além deles, contribuíram para o resultado negativo os setores de Químicos (-14,0%), Máquinas e equipamentos (-12,9%) e Móveis (-21,2%). Apenas Alimentos (+1,1%) e Derivados de petróleo e

biocombustíveis (+2,0%) cresceram no período, enquanto a produção de Celulose e papel (+0,1%) ficou praticamente estável.

Ainda no acumulado de janeiro a julho, entre os 14 estados pesquisados, apenas Espírito Santo (-19,7%), Ceará (-18,2%) e Amazonas (-15,9%) registraram quedas mais intensas do que no RS. Nessa base, somente no Rio de Janeiro a produção industrial cresceu (+2,1%).

Apesar da sequência positiva, a atividade industrial ainda está em nível muito baixo. Por isso, a manutenção da tendência de recuperação deve se firmar apenas com a plena retomada das atividades produtivas. Mas a incerteza intrínseca do contexto atual podem impor dificuldades extras à recuperação da atividade industrial gaúcha.

Produção Física Industrial do RS



Fonte: PIM/IBGE. Elaboração: UEE/FIERGS.

Com nova queda, comércio exterior do RS continua enfraquecido

Em agosto, as exportações da Indústria do RS totalizaram US\$ 954,2 milhões, de acordo com as estatísticas disponibilizadas pela Secretaria de Comércio Exterior do Ministério da Economia. A cifra configura a décima primeira queda consecutiva das exportações do setor, com uma retração de 14,6% em relação ao mesmo mês do ano anterior (US\$ 1,1 bilhão).

Na análise setorial, os resultados de Químicos (-30,8%), Tabaco (-31,0%) e Celulose e papel (-42,2%) acentuaram a trajetória descendente. O resultado do Tabaco é explicado pela forte redução no mês no comércio com os EUA (-72,9%), China (-96,0%) e Bélgica (-21,8%), em relação a agosto de 2019. A menor demanda chinesa (-52,9%) também explica o resultado ruim de Celulose e papel. Por sua vez, o menor embarque de Químicos tanto para Argentina (-50,5%) quanto para China (-38,6%) justificam o desempenho do setor. Ainda, Veículos automotores (-33,1%) e Couro e calçados (-23,1%), que sofreram bastante com a pandemia, contribuíram para a queda, porém apresentaram uma desaceleração nas quedas.

O setor de Alimentos, responsável por 35,6% das exportações da indústria gaúcha no mês, voltou a crescer na comparação mensal. O resultado está ligado

à crescente demanda chinesa, que somente em agosto quase dobrou (+99,8%). Tal fato ainda é reflexo da peste suína africana, que atinge a China desde setembro de 2018 e que forçou o aumento da demanda por proteína pelo país. Também contribuem positivamente para as exportações do mês os setores de Produtos de Metal (+3,6%) e Madeira (+38,2%).

No acumulado do ano, as exportações industriais atingiram US\$ 6,7 bilhões, com queda de 20,6% em relação ao mesmo período de 2019, desconsiderando as operações no âmbito Repetro (plataforma de petróleo).

Pela lado das importações, o Estado adquiriu US\$ 576,3 milhões em mercadorias com queda de 37,9% ante agosto do ano passado. No acumulado do ano, o RS importou US\$ 3,8 bilhões, diminuindo a demanda gaúcha em 40,7% em relação ao mesmo período de 2019. No ano, todas as grandes categorias econômicas apresentam fortes reduções, sendo a mais intensa delas em Combustíveis e lubrificantes (-92,0%).

O comércio exterior do RS, que já sofria antes da pandemia, especialmente devido à crise na Argentina, somente se enfraqueceu após às restrições impostas devido ao vírus. A incerteza e escassez de confiança no período, tanto em âmbito nacional quanto internacional, dificultam a recuperação no *front* externo.